

História, memória e esquecimento de Tipiu: os relatos orais de um soldado expedicionário, boina azul do Suez (1959-1960)

Story, memory and forgetfulness of Tipiu: the oral reports of an expeditionary soldier, blue beret of Suez (1959-1960)

Historia, memoria y olvido de Tipiu: los relatos orales de un soldado expedicionario, boina azul del Suez (1959-1960)

Miguel Caldas Machado¹

Resumo

Minha investigação decorreu de duas frentes, primeiramente buscando entender os ocorridos no Batalhão Suez pelos olhos de Edemar, desde à viagem, o período é o conflito no Suez, e tendo como base a perspectiva do mesmo e em segundo lugar classificar suas memórias e compreender o que é esquecimento. O artigo visa analisar as memórias do pelotense que integrou o Batalhão Suez, pretendendo analisar a visão de Edemar como espectador, comunicador e atuante do conflito, estando presente no local, tendo participado ativamente da batalha, prestando seus relatos sobre a guerra e partilhando sua lembrança. Na busca pelas recordações de Edemar, foi evidente a barricada que se encontra para a produção da pesquisa na memória criada e produzida, e na memória realmente vivenciada pelo mesmo, pois o projeto tem objetivo de buscar lembranças e dar visão do conflito pelos olhos do mesmo. Durante os conflitos no Oriente Médio, quando este foi atuante e integrou a 1ª missão de paz da ONU, ligado a Força das Nações Unidas da Paz, com o intuito da contenção dos conflitos bélicos e auxílio no controle das calamidades ocorridas na região do Canal do Suez e na Guerra homônima, sendo soldado, do 5º contingente brasileiro a ser enviado ao Batalhão de Infantaria. Nos anos de 1956 até meados de 1960, quando os inúmeros jovens brasileiros, se lançaram rumo ao Egito com a promessa de um melhor *status* financeiro e a possibilidade de conhecer o mundo, Edemar foi um dos jovens, tendo por objetivo ir para Napole.

Palavras-Chaves: Esquecimento; História; Memória; Suez; ONU.

Resumen

Mi investigación se desarrolló de dos frentes, primero buscando entender los ocurridos en el Batallón Suez por los ojos de Edemar, desde el viaje, el período es el conflicto en el Suez, y teniendo como base la perspectiva del mismo y en segundo lugar clasificar sus memorias y comprender el " que es olvido. El artículo busca analizar las memorias del pelotense que integró el Batallón Suez, pretendiendo analizar la visión de Edemar como espectador, comunicador y actuante del conflicto, estando presente en el local, habiendo participado activamente en la batalla, prestando sus relatos sobre la guerra y compartiendo su recuerdo. En la búsqueda por los recuerdos de Edemar, fue evidente la barricada que se encuentra para la producción de la investigación en la memoria creada y producida, y en la memoria realmente vivenciada por el mismo, pues el proyecto tiene el objetivo de buscar recuerdos y dar visión del conflicto por los ojos del mismo. Durante los conflictos en Oriente Medio, cuando éste fue actuante e integró la 1ª misión de paz de la ONU, vinculada a la Fuerza de las Naciones Unidas de la Paz, con el propósito de la contención de los conflictos bélicos y auxilio en el control de las calamidades ocurridas en la región del Canal do, Suez y en la guerra homónima, siendo soldado, del 5º contingente brasileño a ser enviado al Batallón de Infantería. En los años de 1956 hasta mediados de 1960, cuando los innumerables jóvenes brasileños, se lanzaron rumbo a Egipto con la promesa de un mejor *status* financiero y la posibilidad de conocer el mundo, Edemar fue uno de los jóvenes, teniendo como objetivo ir a Napole.

¹Graduando em História; UFPel Universidade Federal de Pelotas; Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil; caldasmiguel23@gmail.com

Palabras clave: olvido, historia, memoria, Suez, Naciones Unidas.

Abstract

My investigation came from two fronts, first of all trying to understand the events in the Suez Battalion through the eyes of Edegar, since the trip, the period is the conflict in Suez, and based on the perspective of the same and secondly classify their memories and understand the which is forgetfulness. The article aims to analyze the memoirs of the Peloton that was part of the Suez Battalion, intending to analyze Edegar's vision as a spectator, communicator and actor of the conflict, being present in the place, having participated actively in the battle, providing his reports about the war and sharing his memory. In the search for Edegar's memories, it was evident the barricade that is found for the production of the research in the memory created and produced, and in the memory actually experienced by the same one, since the project has the objective to look for memories and to give vision of the conflict by the eyes of the same one. During the conflicts in the Middle East, when it was active and integrated the first UN peacekeeping mission, linked to the United Nations Peace Force, with the aim of containing war conflicts and aid in the control of the calamities that occurred in the Suez and in the homonym War, being soldier, of the 5th Brazilian contingent to be sent to the Infantry Battalion. In the years 1956 until the mid-1960s, when countless young Brazilians set out for Egypt with the promise of better financial status and the possibility of getting to know the world, Edegar was one of the young men with the goal of going to Napole.

Keywords: Forgetfulness, History, Memory, Suez, UN.

1. O Início da História

Em 15 de abril de 1959 oficialmente incluído no III/2º RI TERCEIRO BATALHÃO DO 2º REGIMENTO DE INFANTARIA- 5 CONTINGENTE SUEZ. Edegar Correa Lopes “Tipiu” junto de cerca de 356 militares entra para o Batalhão Suez e para a história.

2. A História pela visão de Tipiu E A HISTÓRIA VISTA DE BAIXO

Nos anos de 1956 até meados de 1960, quando os inúmeros jovens brasileiros, se lançaram rumo ao Egito com a promessa de um melhor *status* financeiro e a possibilidade de conhecer o mundo, Edegar foi um dos jovens, tendo por objetivo ir para Nápoles.

Durante os conflitos no Oriente Médio, quando este foi atuante e integrou a 1ª missão de paz da ONU, ligado a Força das Nações Unidas da Paz, (UNEF, constituída do batalhão Suez e mais 8 países), com o intuito da contenção dos conflitos bélicos e auxílio no controle das calamidades ocorridas na região do Canal do Suez e na Guerra homônima, sendo soldado, do 5º contingente brasileiro a ser enviado ao Batalhão de Infantaria.

O ano era 1959 e Edegar tinha ouvido na oficina onde trabalhava que o exército brasileiro estava a juntar pessoas para enviar para o Suez, do outro lado do mundo, como parte de uma operação de paz que daria louros e frutos, dinheiro e fama aos que embarcavam nessa jornada de codinome Batalhão Suez. Edegar então se alistou, seja pelo desejo de conhecer o mundo ou para ganhar os botins prometidos, ele entrou nessa aventura.

No dia 15 de abril de 1959 Edegar deixa a reserva onde se mantinha desde seu cumprimento do serviço obrigatório e era reservista de 1ª categoria e passa a ser reincluído

para fazer parte do contingente Suez como 2º Praça. Começa aqui a análise do que foi à operação de Edegar no Suez, o seu dia a dia, seu cotidiano, suas práticas, e principalmente sua memória e esquecimento, como ela se propaga e como funciona em sua relação com o seu testemunho.

Edegar e eu tivemos inúmeros encontros e dividimos suas histórias e lembranças por diversas vezes, onde me vi submerso em quanta história uma pessoa pode ter e ser, ao descobrir cada ato, feito e praticado pelo veterano do Batalhão Suez. Desde sua partida de Pelotas, suas motivações e o fato de Edegar possui uma menção ao Prêmio Nobel de 1988, e é um dos personagens esquecidos da história brasileira que não diz respeito aos comandantes e generais, não diz respeito às grandes personalidades e nem aos famosos e ricos. À dita história vista de baixo é o primeiro ponto analisado nessa narrativa, que faz menção à todos os veteranos que prestaram seus serviços nos anos em que o Brasil foi emissário de forças de paz no Suez.

Quando falamos de Canal do Suez ou da Guerra do Suez, nós historiadores nos prendemos a vícios como falar de Farouk, o rei do Egito que foi deposto ou de Javier Pérez de Cuéllar, Secretário da ONU que recebeu o Prêmio Nobel em 10 de dezembro de 1988, na cidade de Oslo, com a presença do Rei da Noruega, família real e altas autoridades internacionais onde Edegar nunca esteve, sequer recebeu sua medalha da ONU, e também de Nasser o presidente egípcio da época dos acontecimentos, e deixamos de lado à milhares de pessoas que compuseram o front e a LDA, Linha de Demarcação de Armistício, sendo parte fundamental da história dessa guerra que viria a culminar com a Guerra dos Seis Dias.

Edegar foi um dos soldados anônimos da História, um dos excluídos, dos que as vezes não se têm tamanho gosto e faça caso de contar suas passagens e vidas, pois são os muitos e muitos, porém muitos e muitos que valem ser estudados e analisados, como cita Jim Sharpe em seu texto, A História Vista de Baixo, entre o comandante Wellington e William Wheeler em questão de documentação precisa sobre a batalha de Waterloo, Wheeler se sai com maestria enquanto Wellington é o que leva as menções em livros didáticos. Edegar possui toda a documentação precisa e possível sobre seu dia a dia no Suez contando com uma biblioteca de saberes, então por que este é esquecido pela história? Será que isso se deve à desacreditarmos os que se assemelham a nós, aqueles que possuem falhas e problemas reais, diferente dos heróis de cinema e novela? A história falha ao retratar Tiradentes como o Jesus Brasileiro, para este parecer numa forma plena e perfeita, porém os que fizeram à história por vezes estão no chão cobertos de lama. E cabe à cada um de nós reconhecer e retratar esses heróis anônimos, essa história perdida, deixada de lado, à busca pela história vista de baixo é

feita por cada pessoa, num domingo ao lado da avó ouvindo a história sobre sua infância e dando atenção para esse conjunto de contos que contam com a mais pura plenitude de saber.

3. E no resgate pela história de Edemar encontrei Tipiu...

Nas longas entrevistas que fiz junto a Edemar percebi que pela sua memória, por muito tempo sido reclusas apenas de sua própria mente, que o mesmo criou uma ferramenta de defesa para chamar a atenção do espectador, a criação do herói Tipiu, suas memórias por vezes dão lugar a projeções memoriais e memórias criadas, o trauma que o mesmo conta em se sentir deixado de lado pelo País e pela historiografia.

4. A Viagem de Tipiu

Quando se alistou Edemar deveria seguir uma série de obrigações, as normas e regras para servir no Suez.

Dentre elas estavam; não ser arrimo, não ter filhos, ser solteiro, ser alfabetizado e ter no mínimo 1,65 centímetros, algo que Edemar quase não conseguiu alcançar pois possuía exatamente à metragem solicitada, o que coloca em check se era realmente rigorosa à cobrança do exército com as obrigações para servir.

Seu Pelotão, o 5º Contingente que iria para o Canal do Suez foi de exclusividade do Rio Grande do Sul, mais precisamente de Porto Alegre, ou seja, um Pelotão Gaudério, de 365 militares gaúchos indo para a terra dos habibes, incluindo o nosso interlocutor Edemar Correa Lopes que seria 2º Praça dessa aventura.

Vale ressaltar que o nome Batalhão Suez foi dado ao Regimento pelos jornalistas que o acompanhava, o primeiro nome que este recebeu foi Batalhão Expedicionário

Tipiu e seu Contingente estavam inseridos na UNEF agora e ele iria conviver com a oportunidade ímpar de ter no seu cotidiano contato com indianos, húngaros, iugoslavos, canadenses, suecos, dinamarqueses e noruegueses além de participar das *parties* que eram reuniões de união das tropas promovidas pela UNEF.

Edemar começa sua jornada deixando Pelotas com destino ao Suez tendo a primeira parada em Porto Alegre, onde iria unir-se às forças que junto do mesmo iam para o conflito sob a tutela da UNEF, saindo da capital do RS tomaram o caminho de Rio Grande onde embarcou para chegar ao Rio de Janeiro, onde acontece o treinamento das tropas que irão para o Suez conhecido como CGA, Curso de Formação de Graduandos, que prepara Tipiu para os meses que estão por vir nas terras áridas dos desertos árabes. já que poucos dias o separam de

partir rumo ao desconhecido. Depois de dar adeus as terras cariocas com acenos e beijos de tchau aos presentes no porto do Rio de Janeiro Edemar já no intrépido navio da marinha brasileira. O NTrT Ary Parreiras ou Navio de Transporte de Tropas, foi o primeiro de seu modo, na Marinha Brasileira com direito a ser também o primeiro de seu nome. No ano de 1955 após Custódio de Mello e Barroso Pereira serem recebidos pela nossa Marinha foi feito o pedido de mais duas naus, o que levaria Edemar foi um deles, é Soares Dutra o outro que estava no pedido, feito ao estaleiro Ishikawajima Heavy Industries Co. Ltd, em Tóquio no Japão. E foi no dia 9 de novembro de 1955 que ele recebeu o nome do Almirante Ary Parreiras que tinha sido um dos heróis brasileiros na 2ª Grande Guerra, no que se refere a questão da Comissão da Criação das Bases Navais. O navio veio do Japão tendo à bordo desde japoneses, militares, imigrantes, militares brasileiros, o Capitão Jiro Kondo, até que chegou em Belém no dia 5 de março de 1957 e passou a ser de comando do Capitão de Mar e Guerra Lauro Martins Ferreira, até que em 1959 um pelotense embarcou nessa nau, nesta casa de aço que flutuaria até o Suez, é que dessa história nada sabia, Edemar não tinha nem ideia que tudo isso havia ocorrido, ele só tinha noção que o navio era um lugar que o deixava com enjojo, que balançava horrores e o deixava com à sensação de estar embriagado, mas o Ary Parreiras foi um lar para Edemar, por dia e dias, e nessa cas ele aprendeu um novo ofício, deixou de ser o mecânico pelotense e se tornou o padeiro rumo ao outro lado do mundo mostrando outro ponto de ruptura entre Edemar e Tipiu, pois Edemar não sabia fazer pão, não sabia cozinhar, é nem tinha interesse em aprender, hoje Tipiu mostra seus dotes culinários com o maior amor é paixão ao ser entrevistado nas nossas conversas. Um acontecimento peculiar de Tipiu no Ary Parreiras que mostra esse processo de aprendizagem que ele passou foi desconhecer o que era um saco de farinha, quando lhe pediram para pegar na dispensa, ele desceu até à mesma e voltou de mãos vazias por não achar a “bendita farinha como o mesmo diz por ser italiãni” ao descer de novo com um superior da cozinha ele foi chamado à atenção por ter no mínimo uns 40 sacos de farinha à vista é serem de vinte quilos cada, é sua resposta foi, “eu sempre vi saco de meio quilo achei que só existia assim.”, isso mostra como Edemar não se importava muito com os graus de respeito é ordem do exército como vamos ver mais na frente em sua temporada de prisões no Suez. Edemar ruma para o Recife, sendo sua última parada em solo brasileiro antes de desbravar os mares e chegar ao continente africano. Do Recife Edemar iria passar no dia 3 de maio pelo Batismo de Neptuno, que nada mais é que um rito de passagem dos marinheiros de primeira viagem ao passar pela linha do Equador, ele consiste em todo mundo ficar perfilado com shorts e ser jogado numa espécie de piscina

improvisada que os marinheiros experientes montam no meio do navio. Ao fim desta brincadeira todos ganham uma carta de batismo assinada pelo Neptuno Rei.

Foram 63 dias de viagem que separaram Pelotas de Dakar na África Ocidental, onde Edemar, agora apelidado de Tipiu pela sua cantoria; desembarcou do Ary Parreiras para viajar de trem até Porto Said e Cairo, nosso veterano agora se via diante do conflito sua primeira reação ao desembarcar do navio? Medo ? Solidão ? Coragem ? Não! Ele acreditava que o trabalho ia ser na água pela quantidade de navios que estavam à sua volta é por olhar para todos os lados é só ver mar.

Tipiu chegou no PC de trem, cujo embarque se deu no dia 23 de maio de 1959 em Port Said.

Tipiu esteve junto de algo inédito para ele, para o Brasil e o Mundo, pois pela primeira vez na história soldados treinados e que sempre foram treinados para guerra é para defender seus países, iam defender a paz e não somente à paz, mas à paz mundial.

Essa força de Emergência que Edemar fez parte era formada pela união, pelo auxílio e acolhimento entre Brasil e outras nações, novamente em questão de algo que fosse referido à paz, ao zelar pelos que no Suez estavam. E por conta disso era único, inovador, os contingentes dos dez países que dividiram essa função com o Brasil estavam fazendo história.

Os Boinas Azuis ao se colocarem na faixa de Gaza, na LDA, foram decisivos para que vidas não fossem ceifadas em demasia por ambos os lados naquela área de 100 quilômetros de deserto. à fronteira de paz criada entre Israel e Egito tanto física como política era defendida é responsabilidade de seus militares do batalhão suez como foi responsabilidade de ser um pedaço da história de Tipiu à erguer, num respectivo exercício de PAZ no Oriente Médio.

Nessa viagem longa, desgastante e demorada, mas como Tipiu mesmo cita, que para um jovem é rápida, onde Edemar entrou no navio sendo mecânico seu ofício aprendido aqui na pátria mãe, e nas águas dos oceanos que passou aprendeu a ser padeiro e cozinheiro, trabalhos que eram de maior necessidade na embarcação. E Edemar demonstrou destreza nessas áreas quando relata que se tornou o cozinheiro até mesmo dos oficiais a bordo.

Porém ao chegar no Suez os utensílios mudam, as ferramentas de cozinhar dão lugar para armamento agora, em sua mão Edemar vê, fuzis, mosquetes e até uma metralhadora .30, como contado pelo veterano, e ao lembrar disso ele empolga-se e diz “ Me cobravam. O Lopes não tem que estar preparado com a arma? E eu não me preocupava, eu nunca errei um tiro. ”

A viagem de trem foi rápida e calma, atravessando o deserto, quando chegou à Rafah City percebeu que mesmo que fosse calor como havia ouvido falar, batendo nos 45° centígrados, estava frio, depois de um primeiro dia de visitas é conhecendo o acampamento no segundo dia depois do café Tipiu embarcou nas viaturas que lá haviam para receber instruções sobre os P.O.s (Postos de Observação) e a LDA (Linha de Delimitação Armamentícia).

Tipiu fez parte de duas tarefas no Suez da ADL ou LDA (Linha de Delimitação Armamentícia) com cerca de 59-60 km e que no seu decorrer possuía 72 POs onde era o serviço de Tipiu, cuidar e zelar da LDA e ser sentinela no PO, a manutenção da LDA era o maior atributo dado aos militares no Suez, seu trabalho mais importante, Tipiu era um patrulheiro, volteador diurno e noturno de viatura e a pé ganhando assim a nomeação de CHACAL.

No dia 03 de junho foi identificado junto a UNEF, sob o nº 7780, e foi destacado para a LDA (Linha de Delimitação Armamentícia) no dia 29 de julho de 1959.

A LDA era uma linha divisória que dividia Israel do Egito e da Palestina que consistia em uma vala feita na areia, cavada pelos próprios expedicionários do Suez onde passavam cabos de comunicação e sempre havia a necessidade de manutenção pelas tempestades de areia que ocorriam. Tinha aproximadamente 60 centímetros de largura. Já os Postos de Comando eram feitos de alvenaria e tinham cerca de 2,10 metros, e ficavam 2 expedicionários em cada por ronda. as observações durava 3 horas segundo Tipiu durante o dia é eram feitas à pé durante a noite, quando os expedicionários caminhavam cerca de 15 quilômetros em guarda, nas patrulhas noturnas que eram formadas por 5 a 6 militares, é seguia à ordem de armamento seguinte, o sargento levava uma metralhadora Ina. revolver sinalizador, lanterna, fogos sinalizadores. O cabo levava metralhadora Ina e os soldados cada um levava um fuzil mosquetão, além de cantil e rádio transmissor, assim eram as patrulhas de Tipiu, com um fuzil. Mosquetão e assobiando, até por conta disso que recebeu o apelido.

Edemar ao chegar no Suez cantava no front incansavelmente, assobiava e ouvia seu rádio, até mesmo na hora das instruções, é à fama pegou foi apelidado de Tipiu, o canarinho cantador, por não fechar o bico. Outra passagem dos relatos de Tipiu que ele trata com louvor são suas brigas com o Tenente Gazal, onde conta que sempre que Gazal ia dar suas instruções o atrapalhava de qualquer forma, seja ligando o som, cantando ou gritando, e por isso foi preso algumas vezes já nos seus primeiros meses de Suez foi preso duas vezes por desacato é uso de xingamentos os superiores.

Já no dia 30 desse mesmo mês teve um comportamento inconveniente, usando palavras de baixo calão para afrontar um superior. O que fez ele ser preso por 2 dias, e permanecendo no comportamento mediano

Tipiu nunca levou a sério a hierarquia militar, tirava sarro disso e vivia no Suez como numa colônia de férias quando não era trabalho ou patrulha por não querer se render as normas do exército.

Era justo e líder tanto que foi elogiado por ter encontrado uma quantia de dinheiro é ter devolvido em exatidão para o exército, se impunha como protagonista e não aceitava ser liderado até por isso devia ter suas punições como o mesmo registra ao relatar em nossos encontros. Podia ter escolhido o caminho de trabalho administrativo e burocrático onde só iria conferir identidades no aeroporto e relataria quem chegou ou saiu das cidades próximas ao canal, mas preferiu o deserto, à dificuldade, ser um chacal do Suez.

Possuía amigos no Suez que levou no coração para a vida como me relata com lágrimas nos olhos ao lembrar. É o caso de Gissé o amigo que lhe ensinou a fazer pão é era inseparável de Tipiu. Dos milhares de fotos que Tipiu possui a maioria ele está com seu amigo ao lado, mostrando como mesmo com o sentimento de beligerância pairando sobre suas cabeças os dois podiam ser amigos e até mesmo irmãos.

O dia à dia era diverso possuía patrulhamento de 3 horas é noturno como supracitado e também tinha exercícios como futebol e vôlei para os expedicionários, eles faziam barba e podiam ir ao cinema uma vez por semana, à comida era variada e um dos problemas era à água que era escassa junto do calor e do choque de culturas, poucos dos soldados falavam inglês. Encontrar-se do outro lado do mundo é com outra cultura, língua, povo, no meio de uma guerra deve ser algo alarmante e estranhamente estranho, como ser um estranho numa terra estranha. Como Tipiu reagiu? Ele tentou fazer amizade como os habibes, tentou aprender a língua deles, cantar com eles, aprender os numerais, a cozinhar, tanto que fugia da base para ir dançar com as moças árabes de noite, ele ganhou até um, apelido RAMED, que é EDEMAR ao contrário.

Tipiu passou por algumas dificuldades, que se colocou a encarar ao dispor de sua juventude nos dezesseis meses que passou no 5 ° contingente do Batalhão Suez, a cultura diferente, a língua que era completamente oposta ao português e que ele quis aprender, à distância de casa é à falta de comunicação com os familiares sendo por não ver eles ou por não receber correspondências.

A Pátria que parecia desistir ou querer que assim pensassem ao colocar uma faixa estendida no acampamento escrito os dizeres “A Pátria não lhes deve nem mesmo gratidão”,

Tipiu encontrou um frio árido e um calor desértico nas noites e dias do Suez, conheceu uma comida e cultura diferentes onde as mulheres por exemplo usavam vestimentas com o corpo totalmente coberto e falar com elas era estritamente proibido.

E à prova de fogo para todos que serviram no Suez como Tipiu era o medo de morrer, com o perigo das minas terrestres.

Seu comportamento no Suez se dava de bom para insuficiente no momento em que foi detido novamente, agora por 6 dias, por ter se afastado do seu posto de serviço, atitude essa que nos seus relatos brinca e assume ter feito inúmeras vezes.

5. O Chacal

Tipiu nas entrevistas têm diversos nomes para se auto nomear, Falcão, Falcão do Deserto, Águia, Chacal do Deserto e seu codinome que é Tipiu, ele diz ser o líder pois o tempo no deserto e respeito é patente, e vemos que isso têm um pouco de fundamento, buscando documento do exército que dizem respeito à missão Suez, os militares que iam destacados para a LDA tinha realmente um apelido de Chacal do Deserto para diferenciar dos que pegaram o rumo à burocracia, porém aqui já é visível também à manifestação de heroísmo projetado de Tipiu, onde relato histórico se mistura com mito memória e narrativa heróica do mesmo.

6. Memória, Identidade e Esquecimento

O hábito da não lembrança e um dos motivos que levam Edegar a ser Tipiu, a deixar de lado sua identidade e se tornar sua memória, deixar de lado a objetividade e criar uma ilha fantasiosa de memórias e projeções, claro que a ação do tempo influencia e auxilia no desenrolar do esquecimento, porém as criações e remodelações de seu passado são fruto de uma escassez de contar ela para as pessoas até mesmo em sua volta. A memória presa e uma memória refém que se transmuta para ser atrativa, para chamar a atenção. E esse processo de memória vira um modelo no qual a criação, a transformação e o esquecimento se tornam donas da identidade do indivíduo, e são ações naturais do interlocutor.

Através dos relatos de fonte oral dos acontecimentos relacionados ao mesmo, suas vivências, experiências e objetos de memória, tanto como memória coletiva e identidade, podemos criar paralelos com os conceitos de protomemória, memória de alto nível e metamemória.

A memória de baixo nível ou protomemória, é composta pelo saber e pela experiência mais profundos e mais compartilhados pelos membros de uma sociedade e que se inserem na categoria de memória procedimental (repetitiva ou hábito), socialmente compartilhada e fruto das primeiras socializações;

Podemos ver a protomemória de Tipiu se manifestar no processo de Padeiro, ofício que aprendeu no caminho para o Suez e sabe até hoje, algo que se perpetuou no seu âmago, que ele faz com maestria, até mesmo se tornou prática diária, como o cavaleiro que não precisa mais olhar para os lados ao cavalgar.

Já a memória de alto nível ou memória de lembranças (ou de reconhecimento), que incorpora vivências, saberes, crenças, sentimentos e sensações, podendo contar com extensões artificiais ou suportes de memória;

Em Tipiu ela se mostra nas ocorrências reais dos relatos de Tipiu, aqueles que batem com os documentos, testemunhos vividos e que ficam gravados na memória

A metamemória, ou seja, tanto a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, quanto aquilo que fala sobre ela, em uma dinâmica de ligação entre o indivíduo e seu passado, como uma memória reivindicada.

As projeções e criações memoriais de Tipiu, é quando estas reivindicações seu passado da forma como acha mais fácil de adotar ao seu presente. Aqui vemos a criação do herói Tipiu, figura de pura bravura indômita.

Referências

- ARRAES FILHO, Manoel Ricardo, *História, memória e deserto: os soldados brasileiros no batalhão Suez (1957-1967)*, Rio de Janeiro, 2009, UFF, PPGH, p. 292.
- CANDAU, Joel. *Memoria e Identidad*. Buenos Aires: Ediciones Del Sol, 2008, 208 p.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. S. Paulo: Vértice, 1990.
- LOPES, Fabiano Luis Bueno. *Batalhão Suez : história, memória e representação coletiva (1956-2006)* / Fabiano Luis Bueno Lopes. -- Curitiba: Ed. do Autor, 2008. 171 p. : il.
- LE GOFF, Jacques, 1924. *História e memória* / Jacques Le Goff: tradução Bernardo Leitão...[et al] -- 7ª ed. revista -- Campinas, SP; Editora da Unicamp, 2013.
- POLLAK, M. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989
- RICOEUR, Paul; FRANÇOIS, Alain. *A Memória, A História, O Esquecimento*. Campinas: UNICAMP, 2008.
- XAVIER, Júlio Ribeiro, *A História do Batalhão Suez: Ações, reações e articulações na faixa de gaza*. Pelotas, 2015, UFPel, Dissertação de Mestrado, p. 114.